

Existe feminismo fascista? Uma reflexão acerca do papel das mulheres no Ku Klux Klan atual

Bárbara Câmara Aragon¹

Introdução

O objetivo deste artigo é sublinhar a importância de compreendermos o papel das mulheres nos movimentos conservadores – aqui especificamente em um grupo de ódio- que vem apostando na cooptação de pautas identitárias e buscando dessa forma uma retórica que mascare o caráter opressor e excludentes destes movimentos. Aprofundaremos nas contradições que envolvem tal estratégia, especialmente acerca das mulheres, já que se nota o aumento de participações femininas em tais grupos. Investigaremos quais os papéis delas em um grupo como o Ku Klux Klan, quais os limites entre o discurso e a prática do grupo para com estas mulheres, quais os interesses em torno dessa adoção de uma estratégia “*woman-friendly*” do grupo racista mais antigo dos Estados Unidos.

A história da Ku Klux Klan

Mesmo que aqui seja abordado apenas o recorte temporal atual, é relevante buscar uma breve retrospectiva da história do Ku Klux Klan para entendermos seus pilares, suas modificações, o que permaneceu e o que se rompeu nestes mais de 100 anos de história.

O Ku Klux Klan foi criado em 1866, na cidade de Polaski no Tennessee, sendo formado por um conjunto de grupos nos Estados Unidos fruto de uma reação conservadora aos resultados da Guerra Civil americana. Sulistas brancos pobres e muitos donos de plantação sentiram o amargo gosto da derrota, não apenas na batalha em si, mas em quase tudo aquilo que se tratou de seus modos sociais e econômicos de vida. Esse conjunto de pessoas ameaçadas por todas as esferas que norteiam a vida social passou a entender o extenso número de ex-escravos agora libertos que viveriam entre eles, especialmente na época da Reconstrução, como uma verdadeira ameaça às suas propriedades e estilos de vida.

O KKK passou por três grandes gerações: a primeira foi, assim como David Chalmers aponta, a de imediata reação principalmente às ações de integração tomadas pelo Partido Republicano na Reconstrução, fomentando a oposição especialmente dos brancos donos de propriedade. Nessa época os grupos que se identificavam como Ku Klux Klan serviam como os vigilantes secretos que tinham como dever “restaurar” e proteger a supremacia branca. Seus alvos nesse momento eram restritos aos negros libertos e líderes negros na política.²

¹ Mestranda em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense - PPGH - UFF

² CHALMERS, David Mark. *Backfire: How the Ku Klux Klan helped the civil rights movement*. Rowman & Littlefield, 2003. p. 1-4

A segunda geração surge a partir de 1915, sendo esta a época onde a organização tomou sua proporção nacional. Assim como cita Richard Tucker, nesse momento se compunha por pessoas motivadas por acreditarem ter adentrado numa cruzada lutando pelo antigo fundamentalismo religioso e por uma purificação da vida social e política, pregando por um “*Americanismo 100%*” (*one hundred per cent Americanism*). Por conseguinte, adquiriram um caráter anticatólico, nativista que concentrava suas miras em judeus, católicos, negros, imigrantes recém chegados e até mesmo membros do próprio Klan que fossem considerados como traidores.³

A terceira geração se concentrou como uma oposição ao movimento dos direitos civis. Com a crescente pressão dos movimentos negros e da população como um todo que se encontrava no auge da crise do reformismo americano contra a segregação institucionalizada no sul dos Estados Unidos, a Ku Klux Klan viu uma nova oportunidade de renascimento, aproveitando novamente sua habilidade de capitalizarem momentos de tensão social e os medos das pessoas brancas. É no final da terceira geração que me debruço, pois é neste momento onde os crimes cometidos pelos Klans chegam num nível, para o entendimento do governo, de verdadeira afronta, juntamente com outros grupos de ódio. Como John Drabble nos mostrará em seus estudos, o FBI tomou uma iniciativa de intervenção, com o programa “*COINTELPRO-WHITE HATE*” que ajudou a expor, deturpar e vigiar as organizações klanistas entre 1964 e 1971 fazendo com que o KKK fosse exposto publicamente dentro do discurso político americano como extremistas. Essa situação obrigou o grupo a repensar na sua retórica e estratégias organizacionais, de modo que se voltaram contra o governo federal, principalmente o FBI, aglutinando discursos que já vinham emergindo como o anticomunista na época da crise de 1929 e o antisemita que se intensificou no pós Segunda Guerra.⁴

Aqui se pode perguntar onde se encontram as mulheres nessa história. Sabe-se que é nos anos 20 que elas surgem de maneira expressiva e chegam até mesmo a formar um ramo exclusivamente feminino da Klan, o *Women of the Ku Klux Klan*. Algumas autoras já estudaram o tema de forma mais aprofundada e aqui não caberia reproduzir todas as suas reflexões adicionadas dos comentários da autora deste artigo, já que este não é o recorte temporal aqui proposto.⁵ Contudo, é importante que entendamos o início dessa participação feminina mais organizada, para que se compreenda melhor o que pode ter permanecido ou rompido na história das mulheres klanistas. A historiadora K. Kerbawy explica que desde antes da formação do ramo exclusivamente feminino – que aqui denominaremos de WKKK – essas mulheres garantiram o aprendizado em uma luta mais organizada em dois movimentos que ocorriam na época: o movimento de temperança e o movimento sufragista. Do primeiro, se aproximaram pois o moralismo presente na Ku Klux Klan e a crença no

³ TUCKER, Richard K. *The dragon and the cross: the rise and fall of the Ku Klux Klan in Middle America*. Hamden, Conn: Archon Books, 1991. p. 23.

⁴ DRABBLE, John. From white supremacy to white power: The FBI, COINTELPRO-WHITE HATE, and the Nazification of the Ku Klux Klan in the 1970s. *American Studies*, v. 48, n. 3, p. 52, 2007.

⁵ Para ver mais sobre as mulheres na KKK nos anos 20 olhar: KERBAWY, K. *Knights in White Satin: Women of the Ku Klux Klan*. Marshall University, 2007; BLEE, Kathleen. *Women of the Ku Klux Klan: Racism and Gender in the 1920s*. California: University of California Press, 1991.

Culto da Verdadeira Feminilidade (*Cult of True Womanhood*), como Barbara Welter denomina, sendo um conjunto de ideais provenientes do século XIX, que sustentavam quais eram as verdadeiras virtudes de uma mulher protestante, sendo estas baseadas nas ideias de piedade feminina, submissão, domesticidade e principalmente a pureza das mulheres, se alinhavam com a luta das mulheres no movimento de temperança.⁶ Assim, as mulheres neste momento tomaram pra si, como o papel principal, zelar o ambiente doméstico e foi a partir do movimento de temperança que puseram em prática tal responsabilidade que se creditaram.

De acordo com a historiadora K. Kerbawy na sua tese sobre mulheres do Ku Klux Klan nos anos 20, as mulheres supremacistas brancas acreditavam que os principais consumidores de álcool eram principalmente negros e imigrantes, creditando a eles a responsabilidade pelo declínio moral das comunidades em que viviam. Essas mulheres acreditavam que por auxiliarem a erradicar o consumo de álcool, principalmente adicionando suas doses de ideologia e racismo na luta, elas estariam auxiliando a manutenção da supremacia branca, além de estarem protegendo suas casas e famílias.

Em um esforço para tornar suas cidades mais seguras contra os males associados ao álcool, um dos objetivos da KKK no período pós-Guerra Civil era livrar suas comunidades dela. Com isso em mente, a KKK fez grandes doações financeiras à União de Temperança da Mulher Cristã (WCTU) em muitas comunidades. Parte da popularidade da WCTU, além de sua missão de temperança, era o seu lema original de 1874 que dizia "Para Deus e o Lar e a Terra Nativa".⁷

Desta forma, juntamente à pureza e domesticidade, o álcool ameaçava o fim de tudo o que abrangia o Culto da Verdadeira Feminilidade (*Cult of True Womanhood*), incluindo a piedade e a submissão das mulheres. Se os negros avançassem social ou politicamente, então os supremacistas brancos acreditavam que a mulher branca estaria ainda mais ameaçada, juntamente ao seu *status* de "objetos" a serem defendidos e protegidos.

Já a aproximação com o segundo movimento, o das sufragistas, vem como consequência do outro, já que as mulheres da Klan viram na possibilidade do voto uma forma de manter o país "seco", livre de álcool.⁸ "Além disso, observando a utilidade que as mulheres poderiam ter com este mecanismo, até mesmo os homens da Ku Klux Klan passaram a apoiá-las para que mantivesse além do país seco, ou seja, livre de álcool, o tornariam mais honesto, menos fraudulento. Além disso, acreditavam que as mulheres tinham como dever auxiliar a recuperar a moralidade dentro da política através do voto e isso significava que poderiam – e deveriam – votar em membros alinhados ao grupo racista. Apesar do caráter contraditório encontrado no fato de que mulheres supremacistas brancas estivessem próximas de

⁶ WELTER, B. The Cult of True Womanhood: 1820-1860. *American Quarterly*. Vol. 18, No. 2, Part 1. Summer: 1966. p. 152.

⁷ KERBAWY, op. cit., p.25.

⁸ Votes for Women: Some Reasons Why They Should Vote” *The Kluxer*. Vol.1 No. 14. Dayton: Ferret. Publishing Company, 27 October 1923. *Ball State University Library Special Collections*.

um movimento feminista como o do sufrágio, é justamente por este motivo que se torna de suma importância lembrar-nos das limitações da chamada primeira onda feminista, como sendo o momento propício para que até mulheres supremacistas brancas se alinhassem. Se não fossem as influências dos movimentos progressistas dos EUA no início do século XX, a *Women of the Ku Klux Klan*, jamais teria existido. Porém a origem do movimento sufragista americano foi elitista e com hegemonia das ideias liberais. Embora as mulheres brancas de classe média nascidas nos EUA tenham liderado a luta pelo sufrágio feminino, é importante lembrar que elas buscaram um objetivo liberal que fosse percebido como radical. Como diversas autoras comentam, além de Kewarby e Blee, Suzanne M. Marilley também mostra que o movimento sufragista, dada a sua origem elitista, utilizou-se de estratégias diversificadas para expandir a causa, mesmo que isso custasse a aproximação e o diálogo com movimentos supremacistas brancos, gerando resquícios ideológicos para a luta, mesmo após a Emenda Dezenove:

Para avançar sua causa em ambientes políticos que tratavam segregação racial, supremacia branca e ideologias nativistas como respeitáveis. Essas líderes tiveram que promover qualificações únicas das mulheres para o voto. Pressupostos não-igualitários certamente não desapareceram depois que as mulheres ganharam direito ao voto.⁹

Mesmo depois da conquista do direito pelo voto, as mulheres da Ku Klux Klan se mantiveram unidas e dispostas a fazer uso de sua nova ação social de maneira que mantivessem seus interesses no poder e quem sabe, torná-los hegemônicos. Mesmo assim, isso não impediu nem da WKKK e nem o próprio Klan da segunda geração, entrar em colapso rapidamente no final da década, vítima da crise econômica de 29, disputas internas, escândalos financeiros e a pressão midiática que cada vez mais expunha os atos violentos do grupo encapuzado que já não era aceito da mesma forma pela sociedade estadunidense.

Assim como observado, a Ku Klux Klan não teve seu fim na sua segunda geração e hoje nos encontramos em sua mais recente formação, sendo ela a fascista e mesmo assim, este também não foi o fim da participação feminina no grupo. A pergunta principal que nos guia é o porquê estas mulheres prosseguem buscando a participação em uma organização que hoje se encontra ainda mais excludente e ainda mais odiosa. Seguindo uma linha teórica marxista neste artigo, busquemos compreender qual a conjuntura que hoje nos encontramos e o que ela pode nos trazer como resposta para estas indagações.

Conjuntura nos anos 1970 e a extrema-direita estadunidense

Desde meados dos anos 1970 observa-se uma nova configuração do capitalismo, em especial nos Estados Unidos que se caracteriza e que prevalece até hoje como uma das formas mais opressoras que a classe trabalhadora já sofrera desde a consolidação deste sistema de produção. O chamado neoliberalismo, surge como

⁹ MARILLEY, Suzanne M. *Woman suffrage and the origins of liberal feminism in the United States, 1820-1920*. Harvard University Press, 1996. p. 2.

uma saída para a manutenção das classes dominantes que não estavam dispostas a sair de seus postos na hierarquia social após uma crise estrutural de superprodução que precedeu esta solução da burguesia. Pode-se observar que as primeiras dificuldades de tal crise foi em sustentar os altos níveis de crescimento e desenvolvimento econômico conquistados no pós-segunda guerra surgiram a partir da incapacidade dos governos das principais economias desenvolvidas em sustentar o sistema monetário e financeiro internacional constituído no acordo de Bretton Woods de 1944.¹⁰ Isso também muito tinha a ver com o avanço produtivo (necessário aos EUA) dos concorrentes dos Estados Unidos, já que num determinado momento, graças às investidas no exterior tanto na Europa como nos países de desenvolvimento tardio como Brasil e México, todos estes passaram a produzir numa proporção que agora significaria uma concorrência real com os Estados Unidos.

Durante a segunda metade da década de 1960, os produtores da Europa Ocidental e do Japão exploraram os ganhos com o comércio para assegurar as taxas de expansão econômica mais altas da época do pós-guerra. (...) Assim, os bens que eles agora acabaram exportando tenderam a duplicar, em vez de complementar, os produtos dos titulares americanos nos mercados existentes, incitando a redundância, o excesso de capacidade e produção.¹¹

Como explicitado anteriormente, os países de desenvolvimento tardio também agora surgiam em cena:

As economias de desenvolvimento mais tardio foram capazes de traduzir de forma muito eficaz as vantagens que derivavam de seu atraso socioeconômico e de sua posição de seguidores e de hegemonia graças à velocidade sem paralelo com que foram capazes de expandir suas vendas internacionais, criando assim setores domésticos de manufaturados desproporcionalmente grandes e de rápido crescimento.¹²

Como Tatiana Poggi identifica, a crise da superprodução, que gerou uma queda de 43,5% na taxa de lucro sobre o estoque de capital americano unido a um instável equilíbrio, proporcionado pelas heranças do reformismo, como salários ainda altos, legislação trabalhista, consumo de massa etc., colocava à prova bases demasiadamente frágeis.¹³ O liberalismo estadunidense começou a ruir e eram observados sinais de uma grave crise por toda parte. Surgiam fissuras profundas que causariam uma estagflação na configuração política econômica dos EUA e no mundo capitalista: crises fiscais e acúmulo de gastos públicos que demonstrava já os limites do projeto reformista, a inundação de dólares americanos pelo mundo, o esgotamento tecnológico do fordismo, o aumento da dívida pública, a articulação e mobilização de alguns setores da oposição ao projeto reformista que ainda vigorava, em torno de

¹⁰ BARUCO, Grasiela C.; CARCANHOLO, Marcelo D. *Crise dos Anos 1970 e as Contradições da Resposta Neoliberal*. P. 2 Anais do XI Encontro Nacional de Economia Política, Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP), 2006.

¹¹ BRENNER, R. *O Boom e a Bolha*. Rio de Janeiro: Record, 2003.p.55

¹² Idem, p.57.

¹³ Idem, p.54.

projetos alternativos e assim abalavam teimosamente o equilíbrio interno dos países centrais, agravado no caso dos EUA pela questão racial. Tais fatores aqui exibidos, dentro das contradições internas do sistema, permitem perceber sinais que mostraram seus limites a partir da crise de superprodução ocorrida e não a falência do keynesianismo. A superação da crise requeria uma alternativa, e assim o neoliberalismo emerge.

Por todo o mundo capitalista no período da crise, diante do cenário catastrófico de desemprego e inflação, pairava uma insatisfação generalizada. A qualidade de vida nesse período foi radicalmente afetada. Os trabalhadores não tinham horizonte otimista, o individualismo era cada vez mais tido como a única opção de sobrevivência, os contratos empregatícios já não garantiam uma segurança e estabilidade, já que os setores de serviços, unidos com a desregulamentação do trabalho e a precarização da dinâmica de produção, imperavam. O aprofundamento das relações capitalistas e a consequente transformação de serviços públicos - que deveriam ser garantidos por direitos - em mercados para uma nova fonte de extração de mais-valia, abriram espaço para uma sensação de desespero. Assim, como Poggi constata em sua pesquisa sobre grupos neonazistas, os discursos sobre assuntos como: desconfiança no governo, crise moral e econômica, perda de status social, etc., foram recebidos com entusiasmo por setores da sociedade, especialmente os setores médios.

Para alguns desses setores desesperados, sentiam como se fossem despossuídos de tudo que antes valorizavam. Sentiam que o fato de serem americanos não mais lhe trazia a mesma segurança e conforto como nos tempos da “era de ouro” dos anos 50 e do reformismo. O sonho americano estava sendo destruído pelos inimigos imaginários que algumas frações da classe dominada criaram a partir de uma ignorância sobre o que de fato ocorria em seu país e no mundo. Assim, abriu-se espaço para a cooptação dessas angústias pelo conservadorismo tais como a Ku Klux Klan, que levou a uma simplificação dos conflitos a partir de binômios como “o amigo e o inimigo da nação/ família/ instituições”. Diante da incapacidade de percepção do que ocorria verdadeiramente em seu país e sistema, centraram suas crenças em críticas a uma fraqueza nacional, homofobia, fundamentalismo religioso e sentimentos pró-família especialmente anti-aborto e assim, não poupariam esforços para neutralizar aqueles que se caracterizavam como ameaça.¹⁴

Os grupos dentro da direita americana portanto, irão se unir, de acordo com Sara Diamond, a partir de um conjunto de três princípios de esforço social: a economia, a nação-estado no contexto global e a ordem moral de normas comportamentais e hierarquias baseadas em raça e gênero. Para ela, os movimentos que se inserem nesse contexto são ao mesmo tempo parcialmente opositores e parcialmente apoiadores do sistema, endossando o capitalismo e a crença da sua inerente igualdade de oportunidades e resultados, preocupando-se em proteger o livre mercado e preservando a tradicional moral e o status dos homens brancos nativo americanos.¹⁵ Como indica, Poggi:

¹⁴ POGGI, op.cit. p. 189.

¹⁵ DIAMOND, Sara. *Roads to dominion: Right-wing movements and political power in the United States*. Guilford Press, 1995. p. 7

Acreditamos, portanto, que a crise do reformismo, desenhada concomitantemente ao processo de rearticulação política, intelectual e cultural das forças conservadoras, atingiu um ponto crítico nos anos 1960 e 1970. As reações às políticas de inclusão civil-democrática, a capacidade do conservadorismo em explorar preconceitos, medos e o descontentamento social, bem como as mudanças observadas no mercado de trabalho, trazidas com a crise do padrão de acumulação fordista, e o decorrente depauperamento econômico vivenciado por setores dominados, catapultaram a vitória do conservadorismo como paradigma, desde suas expressões mais pragmáticas e individualistas, até as mais xenófobas e autoritárias. A interação complexa entre esses processos de natureza histórica, conjuntural e estrutural explicam o desenvolvimento do neoliberalismo nos EUA, representado pela *New Right*, e o aumento extraordinário de aparelhos neofascistas em fins da década de 1970.

Existe, afinal, um feminismo fascista?

Por estarem profundamente preocupados com o destino, a reprodução e a identidade da raça branca, os movimentos extremistas racistas e de direita geralmente dão grande ênfase ao papel das mulheres como esposas e mães. Em um estudo do extremismo de direita na França, Claudie Lesselier descobre que *“no coração de todo sistema racista e/ou nacionalista, a mesma função é atribuída às mulheres: elas são chamadas a transmitir o sangue, a tradição, a linguagem e ser preparado para lutar, se necessário.”*¹⁶ Da mesma forma, o fascismo italiano dependia da “colaboração espiritual de esposas e mães” para fazer com que as famílias respondessem às suas agendas políticas. O racismo moderno dos EUA também promove a ideia de que as mulheres arianas produzirão uma nova geração branca.¹⁷ Como observamos nesta curiosa postagem, intitulada “Mulheres no século XXI” da organização *United Northern and Southern Knights of the KKK*, provavelmente de autoria feminina, já que a autora se refere como “nós mulheres”, onde ela evidencia a importância de perceber que as mulheres na sociedade já não são mais como as de antigamente, impedidas de exercer alguma mudança social:

Nossa missão como mulheres no século 21 envolve a renovação de nosso espírito e alma para penetrar em nossos corações, mentes e mãos. Aquela que serve como agente de mudança para a justiça social, cura da discórdia civil e remédio para as crises que nos atormentam. A renovação de nossa alma e espírito não é limitada. (...) Como mulheres do século 21, podemos usar nosso propósito, substância e missão para transformar nossa comunidade, estado e mundo. Imagine, um mundo transformado no século 21, cheio de homens e mulheres de fé, boa vontade, bom senso e decência incomum. Um mundo cheio de espírito e amor, não ódio e crime. Nós, como mulheres no século 21, precisamos permitir que nosso criador nos mova para longe do mal e do pecado deste país e em um novo mundo em constante mudança que irá gerar um futuro melhor para nossos filhos. Nós

¹⁶LESSELIER, Claudie. *The women's movement and the extreme right in France*. The Nature of the Right: A Feminist Analysis of Order Patterns, v. 6, p. 173, 1988.

¹⁷ BLEE, op.cit. p.172.

acreditamos nos valores da família. Nós nos esforçamos para preparar um futuro melhor para nossos filhos. Ensinar os valores familiares das crianças os ajuda a compreender a importância da família, a ter uma identidade e a viver de acordo com as práticas e tradições seguidas na família. Uma família é definida como aquela que está conectada por sangue, fé, amor e felicidade. Valores familiares significam cultura, tradição, moral e rituais praticados pela família.¹⁸

Na mesma organização ainda se encontra uma postagem dedicada somente à reflexão da santidade da mulher. Apesar de estar escrito sob um tom mais laudatório e até mesmo de uma perceptível tentativa de não soar simpatizante com uma submissão das mulheres, percebe-se novamente as paridades com os princípios aqui já comentados:

Proteger essa santidade não significa apenas proteger isso sobre nossas mulheres, mas também assegurar que essas ações realizadas pela parte feminina continuem. Coisas como criar nossos filhos adequadamente, manter nossa vida espiritual, manter nossa reverência a Deus intacta, manter a qualidade de nossas casas viva e ajudar a unir a família. Alguns dirão que isso é chauvinista, ou que mantém as mulheres em um lugar rebaixado. Longe disso. (...) Deixe-me dizer-lhe o quão importante é o papel da mulher. Antigamente, antes do movimento de libertação das mulheres estragar tudo ao seu redor, a mulher desempenhava um papel muito importante em fazer da família o centro de nosso ser. Deus ordenou que o homem fosse o chefe da família. Isso não significa que Ele fez a mulher ser uma serva do homem, mas uma companheira de ajuda. Eles foram/devem trabalhar juntos. (...) Ela estava/está para ajudá-lo a realizar isso. Ela também cria as crianças, cozinha a comida, até faz as roupas, etc. Ela fez o LAR. (...) Ao proteger a santidade da feminilidade, não estamos tentando afastar as mulheres de seu devido lugar na sociedade. Esse lugar, no entanto, realmente ficou distorcido com o pensamento liberal e a influência comunista. Não há dúvida de que a linha de fundo é um enfraquecimento definitivo da estrutura familiar e tudo indica que isso é um fato sólido. As taxas de divórcio continuam a subir em um ritmo onde muitos têm medo de se casar. O abuso de crianças está correndo solto, e o abuso de drogas e outros atos criminosos são ocorrências cotidianas tão comuns que a maioria nem sequer é denunciada.¹⁹

Há por parte do autor uma lamentação e contestação acerca do movimento feminista e suas consequências para as mulheres e para a instituição familiar. A partir disso, observamos que tal santidade, orgulho e defesa do gênero feminino são apenas para as klanistas e que esse ideal não se estende para outras mulheres. Constatação

¹⁸ United Northern and Southern Ku Klux Klan. Women in the 21st century. <https://unskkkk.com/index.php/ae/53-articles/archive/62-women-in-the-21st-century> Página acessada em 15 de agosto de 2018.

¹⁹ United Northern and Southern Ku Klux Klan. Sanctity of Womanhood. <https://unskkkk.com/index.php/ae/28-articles/from-the-deak-of-iw/143-sanctity-of-womanhood>. Página acessada em 15 de agosto de 2018

aparentemente óbvia, mas que nos revela que o fato de ser uma mulher branca, ou protestante ou americana não é o suficiente se esta não aceitar e incorporar seu papel como mãe cuidadosa, esposa dedicada, zeladora da família e dos bons costumes e companheira do chefe da família. Este lugar na sociedade e na família é o lugar subalterno das mulheres que foi garantido e perpetuado pelo patriarcado ao longo da história.

Como a teórica feminista Bell Hooks aponta, politicamente, o estado patriarcal da supremacia branca depende da família para doutrinar seus membros com valores que apoiem o controle hierárquico e a autoridade coercitiva.²⁰ Portanto, há um interesse em projetar a noção de que o movimento feminista destruirá a vida familiar. Assim, as demandas feministas que tocam nas questões relacionadas à instituição familiar, como a reivindicação por direitos de aborto, e por legitimar uma série de arranjos familiares e sexuais, e desafios à autoridade dos homens, e dependência econômica das mulheres e responsabilidade exclusiva por nutrir, são integralmente contra a posição de conservação dos valores defendidos pelos ativistas homens do Klan e das ativistas mulheres também. Mesmo quando há uma mensagem clara de incentivo à entrada de mulheres no Klan, onde ali elas podem ser agentes da mudança em benefício da supremacia branca, a sua função, novamente é frisada como sendo boas mães e esposas. Seu papel está ligado ao medo, muitas vezes expresso por ativistas racistas, de que as altas taxas de nascimento das minorias e as relações inter-raciais das mulheres brancas levem a raça branca à beira da destruição demográfica. Porém não se deve partir de um olhar acrítico para tais constatações destes grupos, visto que há opiniões diferentes entre Klans diferentes. Vejamos estes dois trechos sobre a questão do aborto no *Ku Klux Klan Limited Liability Corporation do Arkansas* e o *Patriotic Brigade of the Knights of the KKK*, respectivamente:

De todos os direitos básicos já conhecidos todos os tempos de um povo livre, o direito à vida dos inocentes sempre foi primordial, nunca submetido a conveniência ou preconceito. Afirmamos firmemente que o aborto, é sempre o assassinato e assassinato mais sujo. Nós concordamos que uma mulher tem o direito de seu próprio corpo, ela pode escolher ser tatuada, perfurada ou marcada (se ela quiser). Ela pode se casar ou permanecer solteira, pode trabalhar ou ser pai ou mãe em casa, ir à escola ou abrir um negócio, possuir uma propriedade e concorrer a um cargo público. No entanto, uma vez que ela engravida, ela não tem direito de ação contra seu filho não nascido, pois também como um ser vivo adquire certos direitos, os direitos das mães terminam onde os direitos da criança começam e nós acreditamos na plena fê que o direito de viver é adquirido no momento da concepção. Acreditamos que é da responsabilidade dos pais, (ambos) assegurar, da melhor maneira possível, os direitos dos filhos; então, se eles não puderem ou não estiverem dispostos a criar a criança, ela deve cair na família imediata dos pais ou, se tudo o mais falhar, o Estado deve assegurar que esse novo cidadão seja cuidado, permitindo sua adoção ou cuidado em um lar adotivo. Se a criança for colocada em um orfanato, os pais (ambos) devem pagar uma quantia de apoio financeiro até que a criança seja adotada

²⁰ HOOKS, Bell. *Feminist theory: From margin to center*. Londres: Pluto Press, 2000. p.38.

ou cresça para a maioria, e nenhum passeio livre por responsabilidades de *dumping*.²¹

Já o segundo grupo sustenta uma visão um pouco mais tolerante:

O aborto deve ser proibido exceto para salvar a vida da mãe ou em caso de estupro ou incesto; estas circunstâncias são raras. Enquanto enfatizamos a necessidade de um estilo de vida moral e cristão, aplaudimos as mulheres que optam por dar vida quando confrontadas com uma gravidez não planejada. Além disso, reconhecemos o direito da mulher de se defender. Uma mulher não deve ser forçada a levar a semente de um estuprador para a fruição. Nós não apoiamos o aborto porque uma criança pré-nascida tem deficiências.²²

Os objetivos e agendas dos grupos são determinados pelos líderes homens, não sendo necessariamente consonantes com as vidas e relacionamentos das recrutas mulheres. Como Blee salienta, apesar de advogarem e serem responsabilizadas pela manutenção e harmonia da família branca, incluindo principalmente a perpetuação da raça com a produção de mais filhos, estas ao se depararem com seu papel no Klan, observam o caráter secundário e utilitarista determinado a elas. Essas inconsistências, no entanto, tanto nas agendas, quanto da dimensão grupo-indivíduo, não ameaçam a coerência ideológica do grupo, motivo explicado por Blee:

Isso se deve à natureza relativamente fluida e desorganizada de muitos grupos racistas contemporâneos nos quais a dissensão da doutrina organizacional é generalizada e bastante aceita entre os subgrupos de membros, como essas mulheres ativas. De fato, a flexibilidade ideológica pode ser a chave para a capacidade de grupos racistas neste estágio de desenvolvimento recrutarem entre as populações brancas dominantes.²³

Blee ainda em seu trabalho sobre o papel das mulheres nos movimentos racistas nos informa que de todos os grupos, a Ku Klux Klan é a que mais abertamente demonstra interesse no recrutamento de mulheres e que apesar disso, julga que o KKK é o que mais possui a desigualdade de gênero no interior do movimento. Além disto, a autora afirma que a maior parte das mulheres klanistas tem a consciência de tais discrepâncias e que dessa forma, ao contrário do que os homens do grupo afirmam ser a vantagem do recrutamento feminino, que é a crença de que junto com elas trazem mais membros para o Klan, estas muitas vezes evitam, por exemplo, de suas filhas participarem. Uma mulher relata que não estava interessada em recrutar sua filha adulta, *“porque se sua filha se juntasse ao Klan, não haveria nada para ela fazer. Ela poderia ir a alguns comícios ou piqueniques, mas não poderia ir às reuniões reais. Não haveria basicamente nada”*²⁴. Outra fez um comentário

²¹ Ku Klux Klan Limited Liability Corporation do Arkansas. www.kukluxklan.bz/faq.html#women Página acessada em 15 de agosto de 2018.

²² PatrioticBrigadeoftheKnightsOftheKKK. www.knightskkk.net/klan-platform Página acessada em 15 de agosto de 2018.

²³ BLEE, op.cit. p. 695.

²⁴ Idem, p.147.

semelhante, dizendo que *“o Klan é orientado pelo sexo masculino, totalmente sexista. Os homens ainda comandam, até onde vão os escritórios.”*²⁵ Outra mulher, que esteve na Ku Klux Klan um pouco mais de três anos, expressou sua desilusão com a política de gênero do grupo, dizendo que *“eles agiam como se as mulheres fossem iguais [aos homens], mas uma vez que você está dentro da Klan, as mulheres não são iguais”*.²⁶

Para compreendermos o lugar dessas mulheres klanistas, recuperemos a teoria feminista que aqui nos auxilia. Sabemos que as mulheres conformam parte substancial da classe trabalhadora nos dias atuais e sabemos que assim como qualquer outro membro da classe, sofrem as consequências trazidas e impostas pelo neoliberalismo. O feminismo marxista reconhece que o capitalismo integra e emprega relações de poder pré-capitalistas, neste caso, o patriarcado, para criar hierarquias entre os explorados e os oprimidos, cavar fossos e erigir barreiras, portanto classe e gênero continuam a ser potentes instrumentos da divisão do trabalho. Como Arruzza aponta, e este trabalho se alinha com a compreensão da autora, a presença da força laboral feminina desempenha um papel fundamental para o capital em desqualificar setores de produção, em reduzir os custos salariais, piorando as condições de trabalho, introduzindo precariedade.²⁷ Sem a admissão dessa premissa, corremos o risco de perder de vista a complexidade de um movimento de trabalhadores, classe esta que se mostra cada vez mais feminina. Assim, a libertação das mulheres está diretamente ligada com a libertação da classe trabalhadora, e consequentemente a superação do capitalismo, pois este se retroalimenta da pauperização da mão de obra de certos setores da sociedade para se perpetuar. Para uma compreensão crítica que vise a emancipação das mulheres em comunhão com a classe trabalhadora, relembremos Saffioti que atenta para uma visão que não seja mecanicista onde a dimensão econômica prevalece, porém é fundamental que esta faceta de opressão não seja perdida de vista ao mesmo tempo que a luta socialista não deve ignorar a existência da opressão patriarcal:

A emancipação feminina é, pois, problema complexo cuja solução não apresenta apenas uma dimensão econômica. Mesmo a mulher economicamente independente sofre, na sua condição de mulher, o impacto de certas injunções nacionais e internacionais. Desde o desenvolvimento da indústria farmacêutica até as ideologias, tudo reflete na condição feminina. Eis por que qualquer ética socialista não pode perder de vista a condição singular em que tem lugar a existência feminina.²⁸

Essa ligação entre as opressões é melhor assinalada por um conceito surgido a partir dos anos 90 que se propôs a compreender de forma mais integral como diversas formas de dominação agem sobre as mulheres, admitindo a heterogeneidade dentro deste próprio grupo, como classe e raça. Fala-se aqui de consubstancialidade, termo elaborado por Danièle Kergoat em 1978 na França, buscando compreender a

²⁵ Idem, p.147.

²⁶ Idem. p.148.

²⁷ Idem, p. 137

²⁸ SAFFIOTI, Heleieth. A questão da mulher na perspectiva socialista. *Lutas sociais*, n. 27, p. 96, 2011.

divisão do trabalho entre mulheres e homens levando em consideração raça, classe e origem (Norte/Sul), foi na verdade em 2010 que se consolidou o conceito, a partir da crítica diante do conceito de interseccionalidade. De acordo com a teórica feminista brasileira Helena Hirata que concorda com o primeiro dos conceitos citados, tendo até mesmo produzido algumas análises com Kergoat, afirma que a autora francesa percebe a existência de uma noção geométrica da intersecção e essa noção levaria a naturalização das categorias analíticas. Dito de outra forma, a multiplicidade de categorias mascararia as relações sociais. As posições não são fixas. Por estarem inseridas em relações dinâmicas, estão em perpétua evolução e renegociação. Admitindo a flexibilidade e a movimentação das relações sociais, Kergoat estabelece a metáfora de uma espiral:

A ideia de consubstancialidade (...) não implica que tudo está vinculado a tudo; implica apenas uma forma de leitura da realidade social. É o entrecruzamento dinâmico e complexo do conjunto de relações sociais, cada uma imprimindo sua marca nas outras, ajustando-se às outras e construindo-se de maneira recíproca. (...), Mas o fato de as relações sociais formarem um sistema não exclui a existência de contradições entre elas: não há uma relação circular; a metáfora da espiral serve para dar conta do fato de que a realidade não se fecha em si mesma. Portanto, não se trata de fazer um tour de todas as relações sociais envolvidas, uma a uma, mas de enxergar os entrecruzamentos e as interpenetrações que formam um "nó" no seio de uma individualidade ou um grupo.²⁹

Assim, diante das informações trazidas neste breve debate, o trabalho concorda com a concepção marxista contemporânea do feminismo, especialmente no que diz respeito a ser uma luta imbricada com a luta da classe trabalhadora de maneira a superar a exploração capitalista desta classe e do seu aproveitamento de outras formas de dominação, para que assim haja uma verdadeira emancipação integral. Além disto, a consubstancialidade nos permite compreender que o fato de ser mulher não garante uma militância feminista espontânea de todas as mulheres, tendo outras relações sociais envolvidas na vida destas e que estas agem de maneira diferente para a realidade de cada mulher. Assim, as mulheres da Ku Klux Klan buscam uma melhoria na sua vida material através de uma luta imbricada com a supremacia branca, além de também a manutenção de relações conservadoras que oprimem outras mulheres de outras classes e raça, além delas próprias. Dessa forma, aqui é recusada a compreensão de um "feminismo fascista".

Artigo recebido em 29.3.2020

Aprovado em 17.5.2020

²⁹ KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. *Novos Estudos-CEBRAP*, n. 86, p. 93-103, 2010.